

Entre as sombras e a memória: *escrita autobiográfica de Amós Oz*

Sarah Diva Ipiranga⁴⁷

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Ana Paula Lima Moura⁴⁸

Universidade Estadual do Ceará (UECE)

Recebido em: 31/03/2017

Publicado em: 01/08/2017

Resumo

Análise do romance *De amor e trevas*, do escritor Amós Oz, a partir da perspectiva da escrita autobiográfica e da psicologia da individuação. No romance, identifica-se a construção de uma subjetividade que tem no trauma da perda da mãe a força que dá origem à rememoração. Por meio dessa marca de ausência, o narrador procura preencher as fissuras da tela da vida com uma incursão profunda no judaísmo, na história do Holocausto e da reconstrução de Israel. Assim, através da observação de aspectos como infância, território, pertencimento, recortados da narrativa de suas memórias, buscaremos acompanhar os traçados iniciais da elaboração identitária do autor, colocando em relevância a construção de si e a presença da alteridade nesse percurso. Como apoio para as reflexões que irão se produzir, observamos, principalmente, as conceituações propostas por Clara Rocha e George Gusdorf sobre o eu autobiográfico, como também o pensamento de Bachelard acerca da infância e da memória e de Jung sobre a compreensão do eu que se insurge na narração confessional e a construção da figura do herói.

Palavras-chave

Memória. Infância. Identidade. Individuação.

⁴⁷ Profa Dra em Literatura Comparada – UECE; Pós-Doutora em Literatura Comparada – Universidade de Lisboa. Coordenadora do AMI – Grupo de Estudos em Autobiografia, identidade e memória.

⁴⁸ Mestranda em História e Letras pela Universidade Estadual do Ceará; Especialista em Psicologia Social e Comunitária pela Faculdade de Tecnologia Intensiva; Graduada em Psicologia pela Universidade de Fortaleza.

A busca que é produzida pelas perguntas “quem sou eu” e “quem sou eu no mundo” demanda um olhar sincrônico para dentro e para fora de si, que confirma a interpenetração entre estas duas dimensões na construção da identidade. No espaço literário, tal busca encontra nos textos de registro confessional uma potencialização que torna essa questão central no próprio discurso memorialista que é produzido. Ou seja, lembrar não é só buscar os acontecimentos pretéritos, pois subliminarmente essa dimensão é subvertida pelo gesto de perscrutamento de si, que, de forma sinuosa, encaminha e ‘determina’ a própria recordação. Assim, um movimento duplo enreda a escrita autobiográfica, uma vez que o narrador está atento a si (quem sou eu) no espaço/tempo que o atravessa (quem sou eu no mundo).

Um romance no qual tal ambivalência entremeia a narrativa e faz seu movimento alternar os lados de forma inquieta é *De amor e de trevas* (2005), do israelense Amós Oz⁴⁹. Dono de uma voz narrativa poderosa entre os séculos XX e XXI, Oz é um escritor marcado pela condição semita, pela história de seu povo, pela condição atual de Israel, tudo isso conduzido por uma sensibilidade especial no que de *si* emerge desse mapa profundo, intenso e conflitante. Sua obra, marcadamente autobiográfica (*Pantera no porão, Uma certa paz, O monte do mau conselho*, por exemplo), equilibra-se entre as injunções políticas do agora, o peso do passado irremovível e uma crença primorosa no humano. Ler Amós, portanto, é invariavelmente ler Israel, ler o povo judeu, mas também ler o homem em dilema com a história que o absorve e (des)norteia. Não se pense, por isso, em encontrar um narrador estático, respeitoso de datas, ou um ativista tendencioso, empenhado em pregar ideias políticas. O que faz a diferença na escrita de Oz é a percepção do humano em sua singularidade e a condução inigualável da narrativa.

*De amor e de trevas*⁵⁰, apresentado pontualmente como um livro de memórias, reúne o percurso do escritor a partir da história dos antepassados e centra seu ponto de vista na percepção do menino que perde a mãe aos treze anos. O suicídio de Fania, mãe de Amós, é a dor que dá início à narrativa. Parte-se dela para contar uma história que a antecede, também imensamente preenchida de dores inomináveis, mas é a esse ponto de dispersão que o romance continuamente volta. Percorrem-se as mais de seiscentas páginas do livro à busca do desfecho da tragédia pessoal, que o narrador somente vai apresentá-la em sua possível completude nas últimas páginas do livro. Dessa forma, um “fantasma-mãe” atravessa a narrativa, perseguindo o menino que procura respostas no agora, porém precisa voltar no

⁴⁹ Nascido em 1939, Amós Oz destaca-se como escritor, intelectual e ativista político. Sua obra no Brasil está publicada pela Companhia das Letras. São dezessete títulos que revelam a trajetória do escritor por vários temas e gêneros: (<http://www.companhiadasletras.com.br/autor.php?codigo=00382#titulos>).

⁵⁰ Livro vencedor do prêmio *France Culture Étranger* e do prêmio Goethe, ambos em 2004.

tempo para vislumbrar pistas dessa inquietante dúvida. Como as explicações não são dadas a ver gratuitamente, o narrador, impulsionado por essa angústia inicial, enverada longa e profundamente na história dos pais, na vinda para Israel e daí faz um retorno denso à história do povo judeu. Diante da extensão do romance e da complexidade das questões que ele elabora, interessa-nos analisar a formação inicial do narrador, movida pela infância, e as injunções que esse estar-no-mundo infante agencia: a relação com os pais e a força da civilização judia.

O mapa do si invariavelmente tem no outro a contraface inexorável. Um outro que pode ser o duplo daquele que escreve, como também o entorno relacional e as questões do mundo histórico. Por isso, essa perspectiva de entrelaçamento de percepções é essencial numa análise de texto de fundo autobiográfico, no qual há uma interação que constrói um discurso que vai do ‘auto’ ao ‘bio’ por meio da ‘grafia’. E é esse discurso, “minado pela subjetividade”, como diz tão bem Paula Morão acerca dos textos intimistas (2011, p. 46), que nos conduz na leitura desse romance surpreendente.

A construção de si: o susto do eu

Rocha (1992) defende a ideia de que o mito da criação do mundo, assim como o arquétipo do centro do mundo, são modelos bastante representativos dos sentimentos evocados pela *escrita de si*, uma vez que, por meio desta, o indivíduo estabelece um lugar para si, sacralizando seu universo e dando à sua vida uma dimensão de ordenamento, como se encontrasse as saídas de um labirinto ou o fio da meada de um processo que, levado a cabo, revela o eu em sua “diversidade polifônica” (ROCHA, 1992, p. 54).

Haveria, assim, nos interstícios entre o tempo da memória e o tempo vivido, a possibilidade de reconfiguração das experiências, definida na ação da primeira temporalidade sobre a segunda, o que, do ponto de vista arquetípico⁵¹, é análogo aos efeitos da ação da *imago mundi* sobre a *anima mundi*. Entre as diversas formulações de C.G.Jung (2008) para o conceito de alma, está o de *anima mundi*, noção oriunda da filosofia platônica que aponta para o caráter inseparável das realidades física e psíquica. Percebendo o processo de escrita de si como parte desta unidade múltipla e paradoxal, podemos visualizar o modo como o recorte de mundo feito pelo escritor é capaz de produzir ‘alma’, do âmbito pessoal ao coletivo.

⁵¹ Arquétipos são conjuntos de “imagens primordiais” que ficam armazenadas no inconsciente coletivo após uma repetição progressiva de uma mesma experiência durante muitas gerações.

“Ordenar os movimentos da alma”⁵², para usar uma expressão de Foucault, parece então ser a grande missão dos textos autobiográficos, uma missão em princípio destinada ao fracasso. Ao contrário da imagem comum daquele que já viveu o suficiente e busca de forma nostálgica o passado para referendar e confirmar sua identidade, a tarefa memorialista está mais para um mergulho desagregador. Busca-se o que não há, o que ficou sem explicação, o vazio sem representação, a dor que se renova. Uma viagem sem data, nem porto marcado para receber esse viajante solitário. A aventura da autobiografia, em qualquer das suas modulações (diários, relatos de viagem, autorretrato etc.), singra um mar especial, o da memória.

Gustav Gusdorf, um dos intelectuais que mais teorizou sobre a autobiografia, explicita bem essa ambivalência fundadora do registro íntimo. Para ele, o espaço externo é claro e é para ele que está focada a atenção e ação humanas. Com a escrita autobiográfica, inverte-se esse paradigma e a luz volta-se para o interno e suas sinuosidades (Gusdorf, 1991)⁵³

A interface entre os dois cenários, o do eu e o do mundo, constitui, como estamos a defender, a estrutura mesma do romance de Oz. É premente destacar que a narrativa do autor encontra-se posicionada em seu núcleo de infância, de sorte que, partindo desta localização, será possível observar o atravessamento das múltiplas influências que o autor elege como significativas no seu processo de tessitura de si. A força da voz do menino que narra dá especial feitura ao texto e anuncia o *modus operandi* da rememoração: “Durante toda a minha infância eu gostei de arrumar coisas, de espalhá-las e arrumar de novo, cada vez de um jeito um pouco diferente” (OZ, 2005, p. 34). A metáfora da reordenação encontra na proposição infantil do narrador uma configuração especial. Será esse mesmo jogo que ele trará para escrita e a busca de si, numa trama de contínuas reordenações e ajustes. O jogo é ordenado entre os dados reais (que assustam pela incompreensão que geram no menino) e a capacidade imaginativa onde deposita seu prazer: “ (...) eu construí uma realidade paralela: estendia sobre o tapete o meu próprio teatro de operações, uma realidade virtual (OZ, 2005, p. 34).

O tapete da sala, onde cria cenários de guerra, mostra-se assim uma reconstrução de um tapete da vida que precisa ser continuamente representado para adquirir um significado. Nesse estado de suspensão, a imaginação entra como saber decisivo para tal reordenamento.

⁵² Essa expressão encontra-se num texto clássico de Foucault, “Escritas de si” (1992), no qual analisa os cadernos de anotação presentes no mundo grego.

⁵³ Si el espacio de fuera, el teatro del mundo, es un espacio claro, en el que los comportamientos, los móviles y los motivos de cada uno se desentrañan bastante bien a primera vista, el espacio interior es tenebroso por esencia. El sujeto que toma a sí mismo como objeto invierte el movimiento natural de la atención [...] La imagen es outro yo-mismo, um doble de mi ser, pero más frágil y vulnerable, revestido de um carácter sagrado que lo hace a la vez fascinante y terrible (GUSDORF, 1991, p. 2).

Em outro livro, *Contra o fanatismo* (2004), conjunto de conferências que fez na Alemanha em 2002, ele envereda por questões pessoais e afirma que se tornou escritor por causa da pobreza e do sorvete. No texto denominado “O antídoto da imaginação”, conta que os pais o levavam para reuniões com amigos que se demoravam longamente, já que não tinham dinheiro para pagar alguém para cuidar dele. O prêmio pela paciência era o sorvete ao final. Para passar o tempo, ele ficava embaixo da mesa criando histórias para as pessoas que via entrando e saindo do lugar. Na interface dos dois livros, percebe-se que sobressai a condição solitária do menino.

A narração, que oscila entre o adulto que rememora e a criança a quem ele dá voz, destaca o papel crucial da solidão e das estratégias criadas como forças motrizes para o desenvolvimento de uma refinada capacidade de imaginar diversos mundos para si e de especular sobre os universos habitados pelos outros, capacidades que, posteriormente amadurecidas, deram origem à possibilidade de “referendar meia dúzia de sentimentos e opiniões diferentes, conflituosos e contraditórios, com o mesmo grau de convicção, veemência e empatia” (2005, p. 94), o que, em sua visão, é fundamental a um escritor de romances.

A solidão, portanto, é um dado real, contínuo e extensivo a sua vida, mas também funciona como o instrumento que a memória utiliza para preencher os vácuos deixados pela história. Neste contexto, destacamos o pensamento de Bachelard (1988), quando fala sobre o papel das solidões da infância enquanto espaços propícios para a reimaginação das experiências e futura possibilidade de uma existência. Em Bachelard (1988), as solidões da criança, artesãs da elaboração de um núcleo de infância que permanece na alma humana, são as responsáveis por oferecer passagem ao mundo do devaneio, onde é possível vislumbrar uma existência sem limites que, na conjunção entre a memória e a imaginação poética, é capaz de revelar uma infância psicologicamente bela. Nas palavras do autor, “somente quando a alma e o espírito estão unidos num devaneio pelo devaneio é que nos beneficiamos da união da imaginação e da memória. Nosso ser passado imagina reviver” (BACHELARD, 1988, p. 104)

Apesar do pensamento bachelardiano estar, de certa forma, impregnado por um idealismo acerca da solidão da criança, queremos crer que o raciocínio de que o tecido vivido não se faz sem a imaginação é essencial para a compreensão da voz narrativa do romance de Oz, uma criança em permanente estado de devaneio e, ao mesmo tempo, curiosa do mundo e da compreensão dos mecanismos internos da estrutura familiar. Ver-se nascido de pai e mãe absurdamente cultos, num país em permanente guerra para existir, exige do narrador um

entendimento que talvez a sua percepção ainda não consiga vislumbrar por completo. É como se uma aprendizagem longa e pesada tivesse que acontecer em pouco tempo.

Os livros estavam por toda a casa: meu pai lia em dezesseis ou dezessete idiomas diferentes e falava em onze (todos eles com sotaque russo). Minha mãe falava seis ou sete idiomas e lia em sete ou oito. [...] Se no mais das vezes liam livros em inglês e alemão por razões de ordem cultural, certamente era em ídiche que sonhavam à noite. (OZ, 2005, p. 08)

Outro aspecto que consideramos essencial para o desenvolvimento da profunda empatia e sensibilidade expressas no texto de Oz, diz respeito ao sentimento de afeto e familiaridade que, a partir da forte influência dos pais, entre outras figuras significativas, desenvolveu pelos livros, destacando-se aqui o seu interesse pelo humanismo. Neste sentido, a relação com os livros aparece como forte atributo da identidade de Oz, especialmente pelo ponto de contato que produz entre a experiência do indivíduo e seu grupo social.

Às vezes, ao passarmos pela rua Ben Yuda ou pela avenida Ben Maimon, meu pai me sussurrava: “Olhe, aquele ali é um erudito de renome mundial” (...) A Jerusalém que meus pais avistavam do nosso bairro se estendia quase a perder de vista: era Rehávia imersa em verde e em sons de pianos, eram os três ou quatro cafés com seus candelabros dourados na rua Jafa e na Bem Yehuda, eram os salões da ACM, no hotel King David, onde intelectuais árabes e judeus se encontravam com ingleses cultos e educadíssimos, e onde bebericavam-borboleteavam lindas senhoras de pescoço esguio, em vestidos de festa, apoiadas nos braços de gentis cavalheiros de bem talhados ternos escuros (OZ, 2005, p. 09).

A erudição na construção identitária de Oz funciona também como contraponto ao conflito psíquico produzido pelo cenário sombrio de uma Jerusalém em permanente disputa territorial. Em meio às tensões políticas em torno da iminente criação do Estado de Israel, a erudição, ao mesmo tempo em que expõe à consciência o caráter degradante de estar mergulhado em permanente conflito, aparece como característica marcante do judeu enquanto povo, rejeitado na Europa e ameaçado de expulsão naquele que acredita ser o seu lugar.

[...] lá, no mundo, os muros estavam todos cobertos de frases hostis: “Judeu, vá para a Palestina”. Muito bem, viemos para a Palestina, e agora o mundo inteiro grita: “Judeu, saia da Palestina. (OZ, 2005, p. 11)

[...] e pensando bem, imagine com que profundo desprezo Tolstoi olharia para uma pessoa que comprasse um tipo de queijo e não outro só por causa de diferenças de religião, nacionalidade e raça! E onde ficam os valores universais? [...] Mas não obstante, que ofensa ao sionismo, que humilhante, que coisa mesquinha essa de comprar queijo árabe só porque custa dois tostões a menos, em lugar de comprar o queijo dos pioneiros que se esfalfam sob sol e com o suor da face arrancam o pão da terra. Vergonha! Vergonha e humilhação. De um jeito ou de outro, vergonha, humilhação! (OZ, 2005, p. 27)

Em toda a narrativa de Oz, é possível observar um traçado no qual o indivíduo e o meio coexistem de forma indissociável. Movido por um compromisso político que se traduz em um compromisso com a sua própria verdade, o autor assinala constantemente a sua posição como sujeito de um tempo e de um lugar. Pensando sobre esta complexa inter-relação, Rocha aponta para o ato de compreender a si como parte da tentativa de compreensão do outro e, ao mesmo tempo, como meio de afirmação do sujeito como presença única em um mundo cada vez mais marcado pela alienação existencial e histórica, de modo que “o dilema existencial do homem [...] consiste na necessidade de descobrir significação em uma vida que é finita, enquanto as aspirações e a imaginação humana não o são.” (ROCHA, 1992, p. 18). O relato autobiográfico, por seu turno, torna possível a criação de um eu com trânsito entre estas duas dimensões, gestando, através da forma narrativa, uma dimensão de sentido para a experiência de estar no mundo.

Para Candau (2014), a noção de memória é um elemento central para a compreensão dos processos de construção da identidade. De acordo com o autor, a memória corresponde a um enquadramento resultante do conjunto da personalidade do indivíduo muito mais do que a fiel reconstituição de seu passado, ou seja, a memória cumpre a função de selecionar os aspectos da experiência que serão decisivos para a constituição da identidade, o que deixa patente sua posição também nos processos de destruição da identidade, uma vez que:

A memória é a identidade em ação, mas ela pode, ao contrário, ameaçar, perturbar e mesmo arruinar o sentimento de identidade, tal como mostram os trabalhos sobre as lembranças de traumas e tragédias como, por exemplo, a anamnese de abusos sexuais na infância ou a memória do holocausto. De fato, o jogo da memória que vem fundar a identidade é necessariamente feito de lembranças e esquecimentos (CANDAU, 2014, p. 18).

E diante deste tabuleiro onde se movem as peças da lembrança, cabe acompanhar Bachelard que, em seu olhar em direção ao passado, aponta para a importância de ligarmos “o fio da História ao lugar onde se rompe o fio das nossas lembranças e vivermos, quando nossa própria existência nos escapa, na dos nossos ancestrais” (1988, p. 107).

Perceber esta dimensão ancestral da experiência de si é importante para pensar outro aspecto relevante no trabalho de criação autobiográfica de Oz, que são os modelos de masculino que lhe são emblemáticos, a saber, o pai, o tio Yossef, e o arquétipo do “judeu de nova raça”; mistura que resulta em um tipo de herói corajoso e poético, elaboração que parece funcionar como potente fonte de compensação psíquica para o sentimento de conflito e humilhação que é vivenciado pelo Oz judeu.

Segundo Jung (2008), o arquétipo do herói é um símbolo produzido pelo inconsciente que tem flagrante poder de sedução dramática. Para o autor, por mais que variem quanto aos seus detalhes, o mito do herói é representado nas mais diversas culturas e épocas como a história de um herói de “nascimento humilde mas milagroso, provas de sua força sobre-humana precoce, sua ascensão rápida ao poder e à notoriedade, sua luta triunfante contra as forças do mal, sua falibilidade ante a tentação do orgulho e seu declínio” (JUNG, 2008, p. 142). A função psíquica da projeção do mito do herói é de desenvolver no indivíduo o conhecimento da totalidade de suas capacidades e limitações, de modo que este possa estar preparado para as tarefas que a vida irá lhe impor.

Dito isto lembramos que, em Ostrower (2014), a criatividade, enquanto processo diretamente interligado aos aspectos expressivos de um desenvolvimento interior, reflete os seus processos de formação, crescimento e maturação. Neste sentido, o refazimento de si por meio da narrativa “abrange a capacidade de compreender; e esta, por sua vez, a de relacionar, ordenar, configurar, significar” (OSTROWER, 2014 p. 09). Dentro desta construção, o indivíduo torna-se o ponto focal de referência ou o herói de sua própria história.

Visando uma compreensão mais ampla deste processo, é importante ressaltar, não obstante, “que o comportamento do indivíduo se molda pelos padrões culturais e históricos em que ele nasce e cresce” (OSTROWER, 2014, p. 11). No caso de Oz, estas influências parecem ser ainda mais decisivas quando consideramos a dimensão da erudição e da política como importantes elementos de identidade entre o povo judeu. Aqui é interessante analisar os matizes sob os quais Oz desenha a imagem do pai, referência exterior primordial de sua construção de si.

Mesmo quando não aconteciam as interrupções de energia, vivíamos sempre sob uma luz desmaiada, pois era preciso economizar: meus pais trocavam as lâmpadas de quarenta watts por outras de vinte e cinco. Não só pelo preço, mas porque luz intensa é sinal de desperdício, e o desperdício é imoral (...) Papai trabalhava em sua máquina de escrever até duas horas da madrugada sob uma lâmpada anêmica de vinte e cinco watts. Estragava os olhos, mas usar uma lâmpada mais potente não ficaria bem, pois os pioneiros nos kibutzim da Galiléia passavam noites a fio em barracas, escrevendo seus livros de poesia, ou seus tratados filosóficos, à luz bruxuleante de velas sob o vento. Como ignorar isso? (OZ, 2005, p. 29)

De acordo com Von Franz, “o homem está sintonizado em alto grau com os seres humanos com quem convive. Percebe instintivamente seus sofrimentos e problemas, seus valores positivos e negativos” (2008, p. 295). Na escrita de Oz, a dimensão política que pulsa na atmosfera de Israel desde o longo e doloroso processo da diáspora judaica até a criação do estado de Israel, e em especial, o modo como a literatura para os judeus demonstra ter um

caráter de sobrevivência e resistência política, imprime uma profunda marca nas memórias do autor. Marca que também encontra eco na figura do tio; homem extremamente culto e sensível, que parece representar outra importante faceta do desenho identitário de Oz.

O cheiro da imensa biblioteca de meu tio me acompanhará vida afora: o odor empoeirado e sedutor dos sete saberes ocultos, o perfume de uma vida silenciosa e retirada, dedicada à erudição, a vida inquieta de um ermitão, o silêncio espectral que se elevava das profundezas do conhecimento e da doutrina, os sussurros vindos de lábios dos sábios mortos, o murmúrio dos pensamentos secretos de escritores que já então habitavam o pó, o gélido afago de autoridades das gerações passadas. (OZ, 2005, p. 62)

Página |
126

Sobre o aparador havia duas estatuetas não muito grandes – dois bustos de bronze: um Beethoven colérico, bem em frente a um Jabotinsky, de lábios cerrados, metálico, polido e magnífico em seu uniforme de campanha, trazendo na cabeça o quepe da oficial e a cartucheira de couro atravessada sobre o peito. Na cabeceira da mesa estava o tio Yossef, que falava com voz aguda, uma voz quase feminina que implorava, seduzia, e por vezes chegava quase a soluçar. Falava sobre a situação do país, sobre o status social dos escritores e literatos, sobre os deveres dos intelectuais, e também sobre os colegas professores que não demonstravam grande apreço por suas pesquisas, nem por sua obra, nem pela posição que ocupava no mundo da cultura, enquanto ele, por sua vez, não morria de amores por esses colegas, para não dizer que nutria um solene desprezo por sua mesquinha provincialiana, suas modestas realizações e seu egoísmo. (OZ, 2005, p. 68)

Frutos de uma educação europeia, tanto o tio quanto o pai, embora sendo consideravelmente hábeis para expressarem-se sobre assuntos coletivos como o “colonialismo, o anti-semitismo, a justiça, a questão territorial, a questão da mulher, a questão da arte versus a vida” (OZ, 2005, p. 18), são excessivamente formais e desajeitados nas relações interpessoais, ao que Oz atribui os anos de repressão e negação. Aqui mais uma vez a narrativa apresenta um elemento de compensação psíquica: nascem, das esquinas da Tel Aviv de Oz, as dimensões de movimento, carisma e esperteza e afetividade do herói, projetada na figura do “novo judeu”.

Não só “o grande mundo”, mas também Eretz-Israel era distante: em algum lugar longínquo, além das montanhas, florescia uma nova raça de judeus heróis, uma raça morena, robusta e prática, nem um pouco parecida com os judeus da Diáspora, nada parecida com os habitantes de Karem Avraham. Rapazes e moças, pioneiros, corajosos, bronzeados, silenciosos. [...]

Aqueles pioneiros estavam além do nosso horizonte, na Galiléia, no Sharon, nos vales. Rapazes robustos e cordiais, mas reservados e pensativos, moças saudáveis, espontâneas e disciplinadas, que pareciam saber e compreender tudo, como se já nos conhecessem com todas as nossas perplexidades, e mesmo assim tratavam-nos com toda gentileza, seriedade e consideração. Não como criança, mas como homem, embora ainda pequeno. (OZ, 2005, p. 12)

Quando diziam Tel Aviv, imediatamente me ocorria a figura de um rapaz robusto, de camisa de trabalho azul, bronzado e de ombros largos, um poeta-trabalhador-revolucionário forjado no destemor, do tipo que chamavam gente boa, com um

quepe negligentemente pousado em ângulo provocativo sobre o cabelo encaracolado, fumando cigarros baratos e sentindo-se em casa em qualquer lugar do mundo: trabalhava pesado o dia todo, assentando pedras nas calçadas ou carregando areia em betoneiras; ao anoitecer tocava violino; mais tarde, noite alta, dançava com as mocinhas ou entoava-lhes canções tristes na praia, ao luar; pela madrugada, retirava do esconderijo secreto um revólver ou uma metralhadora Sten e se esgueirava pela escuridão para defender casas e campos. (OZ, 2005, p. 13)

Encerrando esta análise do processo criativo de Oz, destacamos que, para Von Franz, tanto o arquétipo do herói quanto o arquétipo da busca pela totalidade psíquica são indicativos de uma “tendência reguladora ou direcional oculta, gerando um processo lento e imperceptível de crescimento psíquico: o processo de individuação” (2008, p. 212). Encontramos neste discurso certa correspondência com o pensamento de Foucault (1992) quando, falando das técnicas do cuidado de si, aponta para os atravessamentos dos pensamentos ancestrais que ficaram na alma. Percebemos, deste modo, que os estudos da memória e da identidade podem ser uma trilha que, ao ser desbravada, poderá promover um fecundo diálogo entre o processo criativo e a psicologia profunda.

Considerações Finais

Entendendo, portanto, a memória como uma faculdade diretamente ligada ao ato de criação, é interessante perceber o jogo de distanciamento e aproximação do passado como mola mestra para a realização do processo alquímico entre realidade e ficção, verdade factual e verdade estética, que resulta na descoberta e apresentação de si; percurso que evidencia a capacidade humana de apreender o próprio passado e deixar emergir aquilo que se destaca das experiências.

E, entre os recortes da memória e as histórias reinventadas na consciência, é auspicioso observar o modo como, intuitivamente, Amós Oz visita também a dimensão inconsciente da experiência de si. É no ventre de suas relações de território e pertencimento, de sua educação erudita e do contexto político, que a sua reinvenção de si vai, na alternância com a busca mais íntima de si, tomando forma e se deixando conhecer. Neste sentido, este texto que apresentamos se oferece também como instrumento para favorecer um diálogo cada vez mais aprofundado entre o processo de escrita de si e a psicologia, ou entre a memória poética e o processo de individuação.

Referências:

BACHELARD, Gaston. Os devaneios voltados para a infância. In: _____. A poética do devaneio. Trad. Antônio de Pádua Danesi. 5 ed. São Paulo: Martins Fontes, 1988. pp. 93-137.

CANDAU, Joel. **Memória e identidade**. Trad: Maria Letícia Ferreira. 1 ed. São Paulo: Contexto, 2014.

Página |
128

FOUCAULT, Michel: A escrita de si. In: _____. **O que é um autor?** Trad. Elisa Monteiro. Lisboa: Passagens, 1992. pp. 120-160.

GUSDORF, Gustav. Condiciones y limites de la autobiografia. **Suplementos Antropos**, Madrid, n.29, p.9-20, 1991c.

JUNG, Carl Gustav. **O homem e seus símbolos**. Trad. Maria Lúcia Pinho. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

MORÃO, Paula. **O secreto e o real**: ensaios sobre a literatura portuguesa. Lisboa: Campo de Comunicação, 2011.

AMONG THE SHADOWS AND THE MEMORY: THE AUTOBIOGRAPHIC WRITING OF AMOS OZ

Abstract

Analysis of the novel *Of love and darkness*, of the writer Amos Oz, from the perspective of the autobiographical writing and the psychology of the individuation. In the novel, one identifies the construction of a subjectivity that has in the trauma of the loss of the mother the force that gives origin to the remembrance. Through this mark of absence, the narrator seeks to fill the fissures of the canvas of life with a deep incursion into Judaism, the history of the Holocaust and the reconstruction of Israel. Thus, through the observation of aspects such as childhood, territory and belonging, cut off from the narrative of his memoirs, we will seek to follow the initial traces of the author's identity elaboration, placing the construction of himself and the presence of otherness in that path in relevance. As support for the reflections that will occur, we mainly observe the concepts proposed by Clara Rocha and George Gusdorf on the autobiographical self, as well as Bachelard's thinking about childhood and memory and Jung's understanding of the self that insurges in the confessional narration and the construction of the figure of the hero.

Keywords

Memory. Childhood. Identity. Individuation.